



As crianças do Núcleo Rural são bem assistidas na educação. Mas há problemas de transportes

As dificuldades da vida no campo

Grande parte das famílias do núcleo de Tabatinga são de gaúchos, mais afeitos às grandes culturas, como soja e arroz. Mas há agricultores de vários Estados, já perfeitamente adaptados ou em fase de adaptação ao novo meio. Este é o caso de Aldenisa Gonçalves Pulgiz, natural da Bahia e casada com a belga Neldijko Pulgiz. A vida do campo e, especialmente, a vida em Tabatinga é tranquila, como ela diz, "O maior problema é na hora de comprar o adubo. A gente quando vê o preço cai de costas".

Aldenisa também se mostra preocupada, quando analisa certos aspectos da vida do núcleo com a visão de dona-de-casa: comprar no supermercado local não é vantajoso, pois, segundo ela, o preço é o dobro em alguns gêneros. "Fazemos sempre nossa compra grande em Planaltina. Aqui, só em caso de emergência".

Ela, o marido e alguns empregados cultivam uma área de 53 hectares, aproximadamente. Aliás, não é cultivada toda área, jus-

tamente pelo preço dos insumos. A tendência, diz Aldenisa, é cair mais ainda a área de plantio, por falta de apoio maior. Na última safra eles plantaram muito arroz, feijão e milho e agora existem cerca de mil pés de limão taiti produzindo. "Nossa intenção era fazer muito mais, e poder atender a procura dos consumidores. Mas o agricultor não é bem-tratado como deveria".

Transporte é problema

A Escola-Classe Várzeas, em Tabatinga, conta atualmente com 140 crianças frequentando da 1^a a 4^a série, mas este número varia de acordo com a rotatividade dos caseiros e empregados das propriedades. Cada vez que o patrão resolve demitir o caseiro a escola passa a ter uma, duas ou três crianças a menos. Mas de acordo com a professora Inês Araújo, uma das mais antigas no local, há outro fator responsável pela evasão escolar no Núcleo Rural. Trata-se do preço da passagem do ônibus que passa no local, fazendo a linha de

Planaltina. As crianças, mesmo com o passe escolar mais barato, não estão podendo pagar e acabam saindo da escola. As que podem, quando podem, vão a pé, de bicicleta, carroça ou qualquer outro meio disponível de transporte, mas as dificuldades crescentes acabam desestimulando boa parte delas e dos pais. Elas têm que percorrer às vezes até 20 quilômetros de ida e volta à escola. E para adquirir os passes a dificuldade não é menor.

— Os pais precisam ir a Brasília comprá-los, fazendo os maiores sacrifícios. Acho que seria melhor se eles tivessem passes grátis, pois algumas deixam de estudar por isso. Pra mim a maior dificuldade é o transporte para as crianças, afirma Inês.

Ela faz questão de ressaltar o nível da escola e a atenção que o governo dispensa na alimentação das crianças, bem como a preocupação em melhorar o ensino, a partir dos cursos de especialização oferecidos às professoras. "Os alunos que saem daqui para outras escolas são bem preparados".